

## LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 9, N. 2, ano 2017

# CONTRIBUIÇÕES PROSÓDICAS PARA A EXPRESSÃO DO SARCASMO À LUZ DA TEORIA DA RELEVÂNCIA

*Leandro Moura\**

## RESUMO

A Teoria da Relevância (TR) constitui-se de uma teoria psicológica cognitiva que entende a interpretação de enunciados como um processo cognitivo. Conforme a TR, enunciados criam expectativas automáticas que conduzem o ouvinte em direção àquilo que o falante deseja comunicar de maneira econômica, ou seja, com menor esforço. No entanto, isso nem sempre acontece de maneira efetiva na comunicação. Como o falante interpreta o sarcasmo com menor esforço, uma vez que enunciados com essa atitude exigem um esforço adicional em seu processamento? Nesses casos, acreditamos que há um elemento linguístico capaz de reduzir tal esforço: a prosódia. Assim, nosso objetivo é mostrar como mudanças prosódicas contribuem para a construção de sentido sarcástico, conduzindo o ouvinte a um menor esforço em sua busca pela relevância.

**Palavras-chave:** Prosódia; Sarcasmo; Teoria da Relevância.

## ABSTRACT

Relevance Theory (RT) consists of a cognitive psychological theory that understands the interpretation of statements as a cognitive process. According to RT, statements create automatic expectations that lead the listener toward what the speaker wants to communicate economically, in other words, with less effort. However, this does not always happen effectively in communication. How does the speaker interpret sarcasm with less effort, since enunciations with this attitude require an additional effort in its processing? In these cases, we believe that there is a linguistic element capable of reducing such effort: prosody. Thus, our goal is to show how prosodic changes contribute to the construction of sarcastic sense, leading the listener to less effort in his quest for relevance.

**Keywords:** Prosody; Sarcasm; Relevance Theory.

---

\* Mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: leandro\_slm@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A comunicação humana, verbal e não verbal, caracteriza-se pela expressão e pelo reconhecimento das intenções do falante (GRICE, 1989, *apud* WILSON; SPERBER, 2005). O método griceano baseia-se na noção de implicatura conversacional, que visa a explicar um tipo especial de inferência que ocorre na comunicação, diferindo-se da implicação lógica, por ter regras próprias e por ter um grau maior de informalidade. Essas implicaturas dependem da consideração do contexto em que a sentença está sendo proferida e pode ser prevista por um princípio de cooperação entre os falantes. Por esse princípio, em uma conversação, ambos os participantes têm um papel cooperativo, pois o sucesso da comunicação dependerá da cooperação mútua entre os envolvidos.

Sperber e Wilson (1995), buscando resolver detalhadamente uma das afirmações centrais propostas pelo modelo griceano, desenvolveram a Teoria da Relevância. Conforme os autores, enunciados criam expectativas automáticas, conduzindo o ouvinte em direção àquilo que o falante deseja comunicar. Vale acrescentar que pesquisas recentes têm mostrado que outros elementos linguísticos também desempenham um papel importante nos processos de comunicação. Entre esses elementos, destacamos a prosódia, que, sozinha ou em conjunto com outros fatores linguísticos, nos permite, por exemplo, diferenciar modalidades frasais. Além disso, é possível determinarmos, via prosódia, a origem geográfica ou social de um falante e ainda reconhecer atitudes, tais como a ironia, o desprezo, a crítica e o sarcasmo.

Nessa perspectiva, Couper-Kuhlen (1986) divide as funções da entonação (termo ligado ao conceito de prosódia) do inglês em *informacional*, *gramatical* – também conhecida por modal –, *locucionária*, *atitudinal*, *textual/discursiva* e *indicial*. Posteriormente, Fónagy (2003) apresenta uma síntese dessas funções, na qual menciona, entre outras, uma expressiva já descrita por Couper-Kuhlen (1986) como *atitudinal*. Assim, esta seria a função responsável pela identificação de atitudes do falante em práticas discursivas.

Apesar de reconhecidas, as funções da prosódia não têm sido amplamente estudadas<sup>1</sup> e interessa-nos aqui, especialmente, aquela *expressiva* (ou *atitudinal*). Desse modo, este artigo busca observar como a prosódia pode auxiliar a audiência em sua busca pela relevância, à luz da Teoria da Relevância, em enunciados nos quais são expressas atitudes de sarcasmo. Além disso, objetivamos apresentar características dessa atitude no português brasileiro, observando como os falantes fazem uso da prosódia ao expressá-la.

Apresentaremos, na seção seguinte, uma revisão bibliográfica, destacando algumas pesquisas realizadas tanto a respeito da literatura prosódica quanto da Teoria da Relevância. Em seguida, exporemos a metodologia adotada neste estudo para que possamos, finalmente, discorrer sobre os resultados encontrados.

---

1 Cf. MORAES, 1998; ANTUNES, 2007; SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2011; MOURA, 2016.

## A TEORIA DA RELEVÂNCIA (TR)

A TR (SPERBER; WILSON, 2005) constitui-se de uma tentativa de resolver em detalhe uma das afirmações centrais de Grice: a característica essencial da maior parte da comunicação humana, verbal e não verbal, é a expressão e o reconhecimento de intenções do falante. Grice, cujo modelo inferencial de comunicação consiste em uma alternativa ao modelo de código clássico, propôs uma semântica que distingue significado do falante e significado literal. Assim, nas palavras de Marcondes (1998),

a teoria de Grice consiste em uma análise do significado com base em mecanismos de interpretação pelo ouvinte do significado do falante, por meio de regras e procedimentos que permitem a identificação ou o reconhecimento das intenções do falante ao dizer algo (MARCONDES, 1998, p. 29).

Baseada em uma das afirmações centrais de Grice, isto é, os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o ouvinte na direção do significado do falante, a teoria afirma que as expectativas de relevância, precisas e previsíveis, guiam o ouvinte na direção desse significado do falante. Em termos cognitivamente realísticos, os autores da TR objetivam explicar a que equivalem e como essas expectativas contribuem para a compreensão.

O conceito de relevância refere-se, intuitivamente, tanto a uma propriedade potencial de enunciados e outros fenômenos observáveis, como a pensamentos, memórias e conclusões de inferências. Nesse sentido, enunciados geram *expectativas de relevância*, pois a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana, explorada por comunicadores. Portanto, não há necessariamente um princípio de cooperação. Um *input* (uma visão, um som, um enunciado, uma memória); logo, somente será relevante para um indivíduo quando seu processamento, em um contexto de suposições disponíveis, produzir um *efeito cognitivo positivo*.

É importante salientarmos que, como nos lembram Sperber e Wilson (2005), a relevância não é uma questão de tudo ou nada, mas sim de graus. Isso quer dizer que um *input* não será reconhecido somente por ser relevante, mas sim por ter maior relevância em relação a um *input* alternativo, ou seja, quanto maiores forem os efeitos cognitivos positivos alcançados por um *input*, maior será a relevância. Quanto maior o esforço requerido de percepção, de memória e inferência, menor será a recompensa pelo processamento do *input* e, por isso, um menor merecimento de atenção. Nesse sentido, podemos dizer que o ouvinte tende a maximizar a relevância dos *inputs*, fazendo uso eficiente dos recursos de processamento disponíveis. Os autores afirmam que “os seres humanos têm uma tendência automática para maximizar a relevância, não porque seja uma questão de escolha – nós raramente o fazemos – mas em razão da forma como nossos sistemas cognitivos se desenvolveram” (SPERBER; WILSON, 2005, p. 227). Emerge aqui o *Primeiro Princípio de Relevância* ou *Princípio Cognitivo*: a comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância.

Passemos à seguinte questão: como um comunicador indica a uma audiência que ele está tentando comunicar de determinada forma aberta e intencional e não de outra? Para a TR, em uma comunicação ostensivo-inferencial, há envolvimento de um estímulo ostensivo, focado no significado do comunicador, que se destina a atrair a atenção da audiência. Esse estímulo pode criar

expectativas de relevância precisas e previsíveis, não geradas por outras entradas. Temos, aqui, o *Segundo Princípio de Relevância* ou *Princípio Comunicativo*: todo estímulo ostensivo comunica a presunção de sua própria relevância ótima.

Não pretendemos ser exaustivos nesta seção, devido às limitações deste trabalho. À guisa de conclusão, gostaríamos de salientar o que tem nos chamado a atenção, isto é, as ideias dos autores no que tange à interpretação do enunciado. A TR constitui-se de uma teoria psicológica cognitiva, que trata, em particular, da interpretação desses enunciados como um processo cognitivo, conforme os autores. É importante retomarmos aqui *o procedimento de compreensão, à luz da relevância*, que pode ser resumido em duas cláusulas: a)  *siga um caminho de menor esforço no cômputo de efeitos cognitivos: teste hipóteses interpretativas (desambiguações, resolução de referências, implicaturas etc.) em ordem de acessibilidade*; e b) *pare quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas* (SPERBER; WILSON; 2005).

Por essas cláusulas, podemos dizer que um falante, ao pretender ser compreendido, formularia seu enunciado de modo que a primeira interpretação que satisfizesse as expectativas de relevância do ouvinte fosse aquela que ele havia desejado comunicar. Desse modo, a tarefa do falante é construir uma hipótese sobre o significado que satisfaça a presunção de relevância transmitida pelo enunciado. Quando um enunciado contém duas interpretações que competem e, ao mesmo tempo, satisfazem essa presunção, um esforço adicional desnecessário de escolha entre elas é adicionado ao ouvinte, fazendo com que a interpretação resultante possa não satisfazer a segunda cláusula (*pare quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas*).

Uma maneira de resolver ambiguidades, como apontado por Wilson e Wharton (2006), seria o fato de o falante dispor de uma função prosódica para solucionar o “problema” de enunciados *sarcásticos*, por exemplo. Diferentes tipos de *inputs* prosódicos, portanto, contribuirão para o processo de compreensão. Assim, trataremos da prosódia na seção seguinte.

## PROSÓDIA: DEFININDO CONCEITOS

Aprosódia, termo de origem grega, é um dos elementos que constituem e conferem significado(s) ao discurso. *Grosso modo*, ela pode ser entendida como um conjunto de aspectos suprasegmentais, tais como organização temporal, organização melódica e intensidade, que interagem junto a outros elementos discursivos, nos processos de construção de sentido (cf. COUPER-KUHLEN, 1986; 't HART, COLLIER; COHEN, 1990; HIRST, DI CRISTO, 1998).

De acordo com Barbosa (2012), estruturalistas e funcionalistas defendiam a prosódia de maneira negativa num primeiro momento, associando-a ao que não está no nível segmental. Cagliari (1992), por sua vez, lembra que, na tradição fonética, os segmentos correspondem aos sons definidos por alfabetos fonéticos. O autor pontua que existem alguns elementos suprasegmentais que modificam os segmentos, como a palatalização e a nasalização, e outros que diferem dos segmentos em relação à natureza fonética e que caracterizam elementos maiores que os próprios segmentos. Aqueles que modificam cadeias segmentais são os elementos suprasegmentais propriamente ditos. No segundo caso, quando passamos às unidades maiores que os segmentos, falamos em elementos

prosódicos. Esses últimos se dividem, conforme Cagliari (1992) em: elementos da melodia da fala (tom, entonação e tessitura), elementos da dinâmica da fala (duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis.) e elementos de qualidade de voz (volume, registro, qualidade de voz).

Para Hirst e Di Cristo (1998), há uma dupla ambiguidade em relação ao termo e à definição de entonação, outro conceito abordado na literatura da área. Segundo os autores, a primeira ambiguidade depende de como a entonação é vista, isto é, em um sentido mais amplo, no qual fatores como acento silábico, tom e quantidade são incluídos, ou a partir de um sentido estreito, em que tais fatores seriam desprezados. Assim, o termo prosódia pode ser destinado àquele sentido amplo, opondo-se à entonação, propriamente dita, que pode ser reservada ao que é chamado de supra-lexical, pós-lexical ou não-lexical. A segunda ambiguidade vai depender da distinção a ser feita entre nível físico e nível formal. Os autores propõem que a prosódia consiste, em um nível fonológico abstrato, “de um número de sistemas lexicais (tom, acento e quantidade) e um sistema não-lexical: a entonação<sup>2</sup>” (HIRST; DI CRISTO, 1998. p. 7).

Atualmente, é possível perceber que os estudos prosódicos atraem um número cada vez maior de pesquisadores. Cabe aqui ressaltarmos que, no entanto, a prosódia não tem sido contemplada em todas as suas funções. Os estudos já realizados, inclusive para o português brasileiro, se voltam aos aspectos sintáticos e privilegiam a entonação ligada a estruturas e sentenças definidas sintaticamente. Ocupam-se de aspectos variacionistas e mostram como os usos prosódicos podem variar de uma localidade para outra, caracterizando o falar de cada região. Recentemente, a prosódia tem sido relacionada também à expressão de atitudes do falante e, no português brasileiro, algumas pesquisas têm ganhado espaço no que diz respeito a essa função atitudinal. Na próxima seção, veremos alguns desses trabalhos.

### **Prosódia e a expressão de atitudes**

Moraes e colegas (2010) realizaram um estudo de 12 atitudes no PB, investigando como a  $F_0$ , a intensidade e a duração silábica se comportam na expressão das atitudes sociais (arrogância, autoridade, desprezo, irritação, polidez e sedução), das atitudes proposicionais (dúvida, ironia, incredulidade, obviedade e surpresa) e, finalmente, num enunciado neutro. Entre os resultados encontrados, os autores destacam que as atitudes proposicionais são reconhecidas mais facilmente que as sociais. Os autores observam ainda que, para o reconhecimento das atitudes sociais, o recurso visual tem um papel mais importante em relação ao auditivo, enquanto este contribui mais para o reconhecimento das atitudes proposicionais.

Antunes e colegas (2014) realizaram um estudo sobre as atitudes de certeza e de incerteza no PB. Como metodologia de análise, as autoras observaram o comportamento da  $F_0$  nos pontos inicial, final, máximo e mínimo, além do movimento melódico final. No que respeita à duração, as autoras mediram as taxas de articulação, a duração e o preenchimento ou não das pausas, além do tempo de latência para cada resposta dada. Além disso, foram observados os movimentos de sobrancelha, de olhos e de boca. Após as análises dos dados, as autoras concluíram que a incerteza tende a apresentar maiores valores nos períodos de latência, pausas preenchidas e um movimento

2 “[...] of a number of lexical systems (tone, stress and quantity) and one non-lexical system: intonation [...]”.

final de  $F_0$  ascendente, enquanto a atitude de certeza se caracteriza por menores valores nos períodos de latência, ausência de pausas preenchidas e um movimento final de  $F_0$  descendente. Finalmente, quanto aos movimentos de sobrancelha, de olhos, de cabeça e de boca, as autoras observaram que eles são usados de maneiras distintas durante a expressão das atitudes por elas estudadas, sendo mais presentes na incerteza e na certeza de não saber que na certeza.

Moura (2016) procurou caracterizar as atitudes de crítica e de ironia, em debates políticos televisionados, nos momentos de ataque e de desconstrução do *ethos* dos candidatos/locutores. Os resultados mostraram que a crítica tende a apresentar valores mais altos de  $F_0$ . Além disso, o autor encontrou um padrão predominantemente descendente para o movimento final, que acontece com registros de frequência também mais altos em relação aos enunciados neutros. No que respeita à duração, a crítica apresenta uma fala mais lenta, preenchida por pausas. Outras estratégias prosódicas também foram notadas na expressão da crítica, como uma mudança de qualidade de voz de dois locutores. Quanto à ironia, não foi encontrado um único padrão prosódico, mas sim estratégias individuais na expressão dessa atitude, além de outros elementos, como o riso, para corroborar a construção de sentido irônico.

É importante observar que não encontramos estudos que tratem do sarcasmo, tema deste trabalho, no português brasileiro. Desse modo, nos baseamos nas pesquisas de Cheang e Pell (2007), a fim de buscar alguma definição acerca dessa atitude. Conforme eles, o sarcasmo pode ser entendido como uma subespécie de *ironia sarcástica*. Nesse sentido, a *ironia* seria definida como expressões cujo significado pretendido difere ou se opõe ao usual. Em outras palavras, tem-se sentido irônico quando algo inesperado é dito em determinada situação comunicativa, contrariando o que era esperado. O *sarcasmo*, por sua vez, é uma espécie de ironia verbal em que atitudes e críticas são expressas negativamente em relação a pessoas ou a eventos. Cheang e Pell (2007) sugerem que

existe um padrão distinto de pistas acústicas associadas ao sarcasmo na fala, que diverge mais claramente das expressões de sinceridade. Um conjunto de pistas, como  $F_0$  e HNR reduzidos e a diminuição do desvio padrão, marcou fortemente os enunciados sarcásticos, ao passo que mudanças na ressonância e reduções na velocidade de fala pareciam pistas suplementares para marcar tal atitude em certos contrastes linguísticos (CHEANG; PELL, 2007, p. 378)<sup>3</sup>.

Assim, tal atitude caracteriza-se por padrões prosódicos específicos que, somados às questões discursivas, influenciam a comunicação. Desse modo, gostaríamos de mostrar que mudanças prosódicas são importantes para a construção de sentido sarcástico no português brasileiro. Além disso, buscaremos observar como a prosódia se comporta na expressão do sarcasmo, mostrando, quantitativamente, quais mudanças prosódicas são relevantes para a construção discursiva dessa atitude. Finalmente, pretendemos evidenciar as contribuições prosódicas no processamento de sentenças sarcásticas, conduzindo o ouvinte a um menor esforço em sua busca pela relevância.

3 “[...] there is a distinct pattern of acoustic cues associated with sarcasm in speech, one that diverges most clearly from expressions of sincerity. One cluster of cues, reduced  $F_0$  and HNR and decreased  $F_0$  standard deviation, robustly marked sarcastic utterances, whereas changes in resonance and reductions in speech rate appeared to be supplementary cues for marking sarcasm in certain linguistic contrasts [...]”



## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para este trabalho, obtivemos gravações de um falante de língua portuguesa, estudante do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, nascido na cidade de Mariana<sup>4</sup>. Para a gravação, o falante recebeu 10 fichas, contendo situações previamente elaboradas, passíveis de *sarcasmo*. Veja-se um exemplo a seguir:

- i) *Situação 3* - Pedro, que não é seu amigo e não é muito inteligente, foi aprovado em um concurso muito difícil. Você decide contar para alguém.

### **Sarcasmo: Ele foi aprovado.**

Em uma primeira etapa, foi solicitado que o informante imaginasse a cena descrita e, em seguida, enunciasse a frase destaca, expressando sarcasmo. Posteriormente, realizamos as gravações desses mesmos enunciados sendo lidos pelo informante, a fim de obtermos algum parâmetro comparativo. Desse modo, ao final das gravações, totalizamos 10 frases com sarcasmo e 10 frases neutras para cada enunciado<sup>5</sup>.

De posse das gravações, realizamos medições nos pontos descritivos de  $F_0$ <sup>6</sup> (a saber: inicial, final, máximo e mínimo). Como unidade de medida, adotamos semitons/100Hz (doravante st/100Hz), uma vez que essas unidades são relativas e também por estarem relacionadas à percepção. Além dessas medidas, realizamos medições nos pontos inicial e final dos movimentos descendentes, encontrados ao final de cada enunciado<sup>7</sup>.

O segundo parâmetro prosódico observado nesse estudo foi a duração, que também tem sido descrita como importante para a expressão de atitudes nos trabalhos revisitados. No que respeita às medidas realizadas, calculamos a taxa de elocução (TE), obtida a partir da divisão das sílabas enunciadas pelo tempo total de enunciação, incluindo o tempo das pausas. Tais medidas serão apresentadas em sílabas por segundo (síl/s). Além disso, observamos a presença e a duração de prolongamentos silábicos. Essas medidas foram dadas em milissegundos (ms).

Finalmente, com o auxílio do programa *Excel 2010*, obtivemos as médias e desvio padrão dos valores medidos na etapa anterior. Os resultados obtidos serão apresentados a seguir, no item *Resultados e Discussões*.

4 Mariana está localizada a aproximadamente 110 km da capital mineira, Belo Horizonte. Aproveitamos o ensejo para agradecer ao informante que, gentilmente, participou como voluntário nesse estudo.

5 As gravações foram realizadas em dias alternados, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, com o auxílio do *software* PRAAT. O *software* foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink e é disponibilizado, gratuitamente, em: [www.praat.org](http://www.praat.org).

6  $F_0$  refere-se à curva de frequência fundamental, relacionada às vibrações das pregas vocais, e é percebida pelo ouvinte como melodia.

7 Vale pontuarmos que todos os enunciados analisados são declarativos. Conforme a literatura prosódica, esses enunciados caracterizam-se por um movimento melódico final descendente. (cf. ANTUNES, 2007)

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado nas considerações metodológicas, obtivemos 10 enunciados sarcásticos e 10 enunciados neutros, a partir da gravação da atuação de possíveis situações de comunicação. Antes de procedermos às análises, reproduziremos uma dessas situações a seguir:

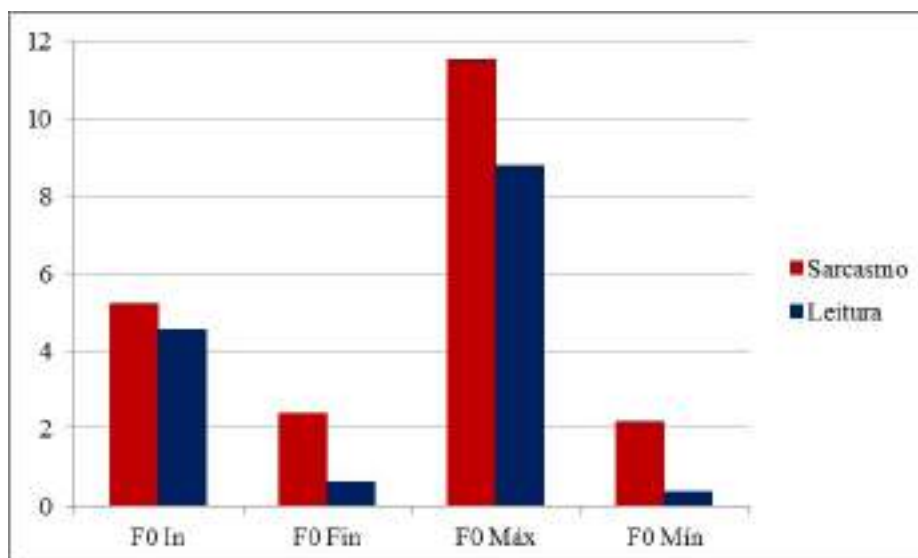
Situação 01: Ao se encontrar com Maria, você percebe que ela está vestida de um jeito “diferente”. Então, ao ser questionado sobre o quão bonita Maria está, você responde: **você está linda!** (com sarcasmo).

Se considerarmos as cláusulas propostas pela TR, o falante deveria formular o enunciado de resposta à Maria de modo que a primeira interpretação satisfizesse as expectativas de relevância da ouvinte. No entanto, ao considerarmos o contexto de produção e a atitude expressa na resposta dada, podemos perceber que haverá um esforço adicional do ouvinte (Maria), na tentativa de interpretar o que foi dito, uma vez que tal enunciado é ambíguo. Como resolver esse problema, uma vez que a teoria postula a economia durante o processamento?

Na tentativa de diminuir esse esforço, entendemos que um *input* prosódico seja importante para o ouvinte, guiando-o na busca pela relevância. Assim, acreditamos que as modulações prosódicas funcionarão como nuances que caracterizarão o sarcasmo, auxiliando a ouvinte a reconhecer tal atitude e, conseqüentemente, o sentido do que está sendo dito.

Como apresentado na revisão bibliográfica desse trabalho, algumas pesquisas realizadas acerca da prosódia e expressão de atitudes têm mostrado que alguns ajustes são feitos em determinados parâmetros, como a  $F_0$  e a duração. Essas mudanças dão pistas para o reconhecimento de cada atitude. Ao compararmos os enunciados que expressavam sarcasmo aos enunciados de leitura, foi possível verificarmos, quantitativamente, como acontecem tais ajustes. Veja-se, então, o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - média de  $F_0$  inicial,  $F_0$  final,  $F_0$  máxima e  $F_0$  mínima para o sarcasmo (coluna vermelha) e para a leitura (coluna azul).

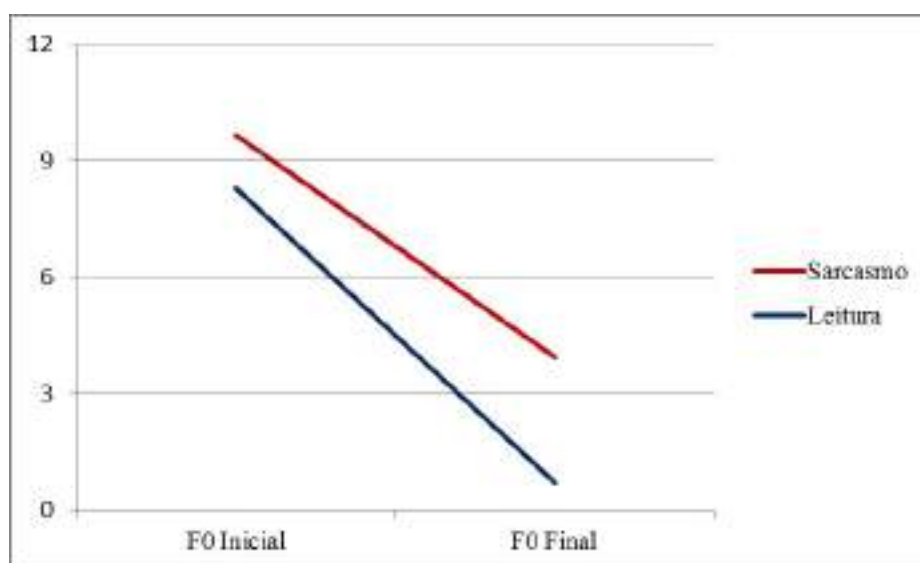




O gráfico nos mostra que o falante realiza mudanças melódicas importantes ao expressar o sarcasmo. Como pode ser notado, os valores de F0 são mais elevados na expressão atitudinal, se comparados aos registros obtidos para os dados de leitura. Vale destacarmos que os valores final, máximo e mínimo se diferem significativamente. Junto aos elementos lexicais, essas mudanças ajudam o ouvinte nos processos de construção de sentido sarcástico.

Além das medidas globais, observamos o comportamento do movimento descendente final, que caracteriza os enunciados declarativos. Vejam-se, abaixo, os resultados obtidos:

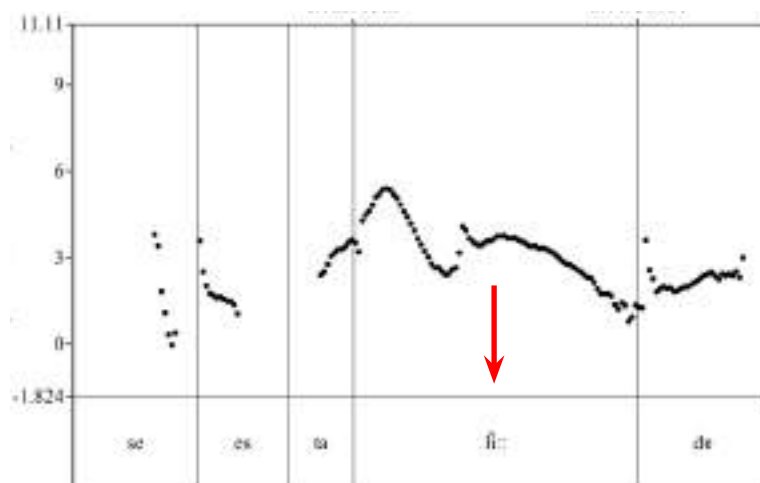
Gráfico 2 - movimentos melódicos finais descendentes do sarcasmo (linha vermelha) e da leitura (linha azul)



Os dados apresentados no gráfico 2 nos mostram que os movimentos melódicos descendentes acontecem em um nível de frequência mais alto, quando se trata do sarcasmo. Nos momentos em que o locutor expressou tal atitude, a queda melódica teve início em 9,6 st/100Hz, enquanto no enunciado de leitura esse valor foi de 8,30 st/100Hz. O gráfico nos mostra ainda que, ao final da descida, os valores atingidos nas expressões sarcásticas foram de 3,90 st/100Hz, mais altos em relação às médias das frases lidas, nas quais os valores de F0 não passaram de 0,7 st/100Hz.

De acordo com Couper-Kuhlen (1986), outro componente do som a ser analisado acusticamente relaciona-se ao tempo, percebido auditivamente como duração. Assim, ao analisarmos esse parâmetro, observamos que a taxa de elocução tende a ser menor nos enunciados sarcásticos, se comparada à taxa de elocução dos enunciados de leitura. Para o sarcasmo, observamos que são articuladas 4,39 sílabas por segundo. Nos enunciados neutros (os de leitura), foram articuladas 5,02 sílabas por segundo. Esses dados nos permitem concluir que há tendência a uma velocidade de fala mais lenta nos momentos de expressão atitudinal. Desse modo, entendemos que, talvez, essa seja uma estratégia do falante para que o locutor se atenha ao que está sendo enunciado. Além disso, observamos a presença de sílabas prolongadas em todos os enunciados sarcásticos. A seguir, veja-se um exemplo:

Figura 1 – Curva melódica e transcrição fonética do enunciado “você está linda”.  
A seta vermelha sinaliza um prolongamento silábico.



No enunciado apresentado acima, temos uma sílaba enfatizada, marcada por um prolongamento. Essa sílaba teve uma duração de, aproximadamente, 700ms. Ao compararmos com a mesma sílaba no enunciado de leitura, observamos que esta teve uma duração bastante inferior: 275ms. Vale pontuar que em todos os enunciados sarcásticos há, no mínimo, uma sílaba com prolongamento, o que não acontece nos enunciados quando lidos. Desse modo, acreditamos que o falante faça uso desse elemento prosódico para marcar os itens lexicais responsáveis pela quebra de expectativa nas construções sarcásticas.

Ao longo da apresentação dos dados, verificamos que nosso estudo, ainda que experimental, vai ao encontro de alguns trabalhos já realizados<sup>8</sup>, corroborando, em alguma medida, os resultados já encontrados e descritos na literatura. Isso quer dizer que, ao expressar a atitude de *sarcasmo*, o falante tende a ajustar alguns parâmetros prosódicos, como a frequência fundamental e a duração, fornecendo indícios para que o ouvinte reconheça tal atitude. Pensando no que nos diz a TR, essas pistas podem contribuir para que o falante atinja sua presunção de relevância ótima. Desse modo, o ouvinte processa *inputs* carregados, semanticamente, de certa ambiguidade (como em enunciados sarcásticos) com menor esforço, uma vez que a prosódia contribui significativamente para a construção de sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o processo de comunicação humana tem sido tarefa de diversas áreas relacionadas aos estudos da linguagem. Neste sentido, vimos ao longo deste trabalho que a TR busca encontrar caminhos que possam explicar como o processamento de informações acontece. Vimos, também, que a teoria prescreve alguns princípios, bem como postula algumas cláusulas, que guiariam o leitor curioso e atento em direção a uma melhor compreensão do processo. Todavia, parece não caber somente à TR apresentar subsídios para explicar tal fenômeno (neste caso, a busca pela *presunção de relevância ótima*), pois há determinados tipos de enunciados em que duas ou mais informações competem, levando o ouvinte a um esforço adicional de processamento.

8 Cf. o item *Quadro Teórico*, bem como o item *Referências*.

A prosódia, por sua vez, vem ganhando espaço dentro dos estudos linguísticos. Como pode ser visto ao longo das discussões aqui referenciadas, é possível reconhecer uma determinada atitude via prosódia, bem como mensurar certos parâmetros, quantificando-os. A título de ilustração, podemos dizer que, na expressão de *sarcasmo*, parâmetros como os valores inicial, final, máximo e mínimo de  $F_0$  são modificados, e essas mudanças funcionam como nuances que caracterizam tal atitude. Além disso, foi possível notarmos que os movimentos melódicos finais também ocorreram em níveis distintos. Outras características prosódicas desses enunciados são os prolongamentos silábicos e a velocidade de fala reduzida. Encontram-se, portanto, aqui, contribuições da prosódia para os estudos realizados pela TR.

À guisa de conclusão, gostaríamos de ressaltar que este estudo é um trabalho experimental, constituindo-se, basicamente, de um estudo de caso. Não gostaríamos, sobremaneira, de fazer generalizações no que respeita aos resultados, mas sim apontar alguns caminhos para que um estudo detalhado possa ser realizado. Sugerimos, finalmente, que outros parâmetros, como a *intensidade* e a *qualidade de voz*, sejam abordados em estudos vindouros, bem como *corpora* constituídos por um número maior de informantes.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, L. B. **O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões**. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2007. 306f.
- ANTUNES, L. B.; AUBERGÉ, V.; SASA, Y. Certainty and uncertainty in Brazilian Portuguese: methodology of spontaneous corpus collection and data analysis. **Proceedings of the 7th Speech Prosody**. Dublin, Trinity College, 2014. p. 110-114.
- BARBOSA, P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 2012. p. 11-27. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2571/2523>>. Acesso em: março; 2017.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. In: **Cadernos de Estudos de Estudos Linguísticos**. n. 23. Campinas, jul./dez. 1992. p.137-151.
- COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.
- CHEANG, H. S.; PELL, M. D. The sound of sarcasm. In: **Speech Communication**. Montreal, Quebec, Canada, 2007.
- FÓNAGY, Ivan. Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse. In: **Flambeau**, Tokyo, n. 29, 2003. p. 1-20.
- GRICE, H. Studies in the way of words. Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1989. Apud: WILSON, D; SPERBER, D. Teoria da Relevância. In: **Linguagem em (Dis)curso** – Lem-D, Tubarão, v.5, n. esp., 2005. p.221-268.

HART, J., COLLIER, R. & COHEN, Antonie. **A Perceptual Study of Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p.29-35.

MORAES, J. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO, A. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MORAES, J.; RILLIARD, A.; MOTA, B.; SHOCHI, T. Multimodal perception and production and of attitudinal meaning in Brazilian Portuguese. In: **Proceedings of 5th Speech Prosody**. Chicago, 2010.

MOURA, L. **O papel da prosódia na expressão de atitudes de ataque ao ethos no discurso político**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem). Ouro Preto: UFOP, 2016. 153f.

OLIVEIRA, Bruna F. V. de; AZEVEDO, Luciana L. de; REIS, César. A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no português brasileiro. In: **Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala**. v. 1. n. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SILVA, J. P. de G. **Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2008. 171f.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance: communication and cognition**. Oxford: Blackwell, 1995 [2nd ed. 1995].

WILSON, D; SPERBER, D. Teoria da Relevância. In: **Linguagem em (Dis)curso** – Lem-D, Tubarão, v.5, n. esp., 2005. p.221-268.

WILSON, D.; WHARTON T. Relevance and Prosody. In: **Journal of Pragmatics** 38: 1559-1579. London, 2006.